

Análise do Conhecimento sobre Métodos Contraceptivos entre Alunos do Ensino Médio da Cidade de Araguari – MG

Analysis of High School Students' Knowledge about Contraceptive Methods in Araguari – MG

Luana Fernandes Nogueira

Layla Paola Resende Couto

Laura Quadros Fernandes

Carlos Henrique de Sousa Ribeiro da Silva

Email: layla.couto@aluno.imepac.edu.br

DOI: <http://10.47224/revistamaster.v10i19.710>

RESUMO

Introdução: A desinformação acerca do uso de métodos contraceptivos perdura atualmente e suas consequências ainda configuram um cenário problemático para saúde pública. **Objetivos:** analisar o conhecimento acerca de métodos contraceptivos entre os adolescentes em uma escola pública e uma escola privada em Araguari (MG). **Método:** Estudo transversal, quantitativo, observacional, de base populacional, realizado em amostra probabilística estratificada de adolescentes do 1º ao 3º ano do ensino médio, da Escola Machado de Assis - Sistema Positivo e da Escola Estadual Professor Antônio Marques, definida através de sorteio aleatório. **Resultados esperados:** Espera-se identificar lacunas no conhecimento dos métodos contraceptivos, em ambos tipos de escolas, demonstrando a necessidade de intervenção na educação sexual de adolescentes para evitar a exposição às diversas vulnerabilidades envolvendo tal desinformação.

Palavras-chave: Adolescentes; Métodos; Contraceptivos; Desinformação.

ABSTRACT

Introduction: Misinformation about the use of contraceptive methods persists today and its consequences still constitute a problematic scenario for public health. **Objectives:** To analyze knowledge about contraceptive methods among adolescents in a public school and a private school in Araguari (MG). **Method:** This is a cross-sectional, quantitative, observational, population-based study carried out on a stratified probabilistic sample of adolescents from the 1st to the 3rd year of high school, from the Machado de Assis School - Positivo System and the Professor Antônio Marques State School, defined by random drawing. **Expected results:** It is hoped to identify gaps in knowledge of contraceptive methods in both types of school, demonstrating the need for intervention in the sexual education of adolescents to avoid exposure to the various vulnerabilities involving such misinformation.

Keywords: Adolescents; Methods; Contraceptives; Misinformation.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência estabelece-se em um processo marcado por um abrupto desenvolvimento e crescimento do corpo, das relações sociais e da mente. Em relação a essa etapa do desenvolvimento, é evidente que o crescimento físico está associado à sexualidade, e as alterações hormonais desse período culminam em intensas transformações, que levam a possibilidade de ocorrer a primeira relação sexual. Destarte, tem-se um adolescente propenso, sob demais influências como amigos e mídia, a exercer sua sexualidade. Por essa razão, são necessárias as orientações para o exercício que seja livre dos riscos físicos, sociais e psicológicos. Dentre as vulnerabilidades da adolescência, podemos observar a gestação precoce e a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (Madureira; Marques; Pereira, 2010).

De acordo com dados do Sistema de Informação de Nascidos Vivos do Governo Federal (SINASC), o número de mães na adolescência - idades entre 10 e 19 anos - diminuiu, em média, 18% no Brasil, de 2018 a 2020, sendo registrados em 456,1 mil em 2018, enquanto em 2020 ocorreram 380,7 mil gestações (Moraes; Souza; Souza, 2023). Entretanto, é notável que mesmo com essa diminuição, o Brasil continua apresentando um alto índice de nascimentos de crianças filhas de mães adolescentes, que comparada com a média mundial, demonstra taxa estimada de 46 nascimentos por cada 1.000 meninas (Moraes; Souza; Souza, 2023). É nítido que a escola é um local adequado para o desenvolvimento da educação sexual, de forma a promover no adolescente o senso de auto responsabilidade e compromisso para sua própria sexualidade e da pessoa com quem se relaciona. Além do início da atividade sexual precoce, os jovens, na maioria das vezes, iniciam a vida sexual sem se proteger (Vieira *et al.*, 2006). Estudos realizados na América Latina têm mostrado que menos de 20% dos homens e de 15% das mulheres usam algum método anticoncepcional na primeira relação sexual (Rowley *et al.*, 2016).

Ainda sobre os dados epidemiológicos, de acordo com os dados do Ministério da Saúde, entre os anos de 2015 e 2023, houve um aumento significativo nos casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre adolescentes de 13 a 19 anos no Brasil, com um aumento de aproximadamente 102,47% dos casos. Os boletins epidemiológicos do Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis destacam que as notificações de Sífilis Adquirida em adolescentes dessa faixa etária subiram, refletindo uma tendência preocupante de aumento dessas infecções nos últimos anos 161,32%. Dessa forma, os dados indicam que as taxas de HIV e outras ISTs aumentaram, especialmente entre os jovens de 15 a 19 anos (Brasil, 2023).

Quanto ao contexto da educação sexual, em termos comparativos, países desenvolvidos, como a Finlândia, apresentam nível de conhecimento elevado quanto à abordagem sexual quando equiparados ao Brasil. Essa afirmação é comprovada através da exposição da educação sexual a partir da segunda infância no modelo finlandês, enquanto no modelo brasileiro, a introdução a este assunto ocorre apenas na terceira infância, muitas vezes de forma inadequada (Furlani, 2017).

Além disso, a sexualidade dos adolescentes e jovens ainda é vista como um tabu e muitas vezes é baseada na proibição e no controle daqueles responsáveis por transmitir o conhecimento da educação sexual, dentre eles, os próprios jovens, seus pais, profissionais da saúde e da educação. A partir disso, é consolidado um cenário de vulnerabilidade quanto ao uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes, que demanda aprendizado da autonomia e da responsabilidade no exercício sexual. Observa-se falta de diálogo com os pais, precárias iniciativas de formação em sexualidade, gênero e saúde reprodutiva nas escolas e falta de espaço nas unidades de saúde para o acolhimento dos jovens. Logo, faz-se necessário romper essas barreiras que limitam ou impedem o conhecimento dos métodos contraceptivos (Alves; Brandão, 2009).

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo delimitar a compreensão acerca do uso de métodos contraceptivos na população estudada, e coletar informações para estudos posteriores, para uma maior visibilidade do tema e das suas consequências na saúde pública.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, observacional, de base populacional, realizado em amostra probabilística estratificada de adolescentes, feito no município de Araguari (MG), com a participação de uma escola particular e de uma escola pública, as quais foram sorteadas de modo aleatório, dentre todas as escolas públicas e privadas do município.

Consoante o Ministério da Educação, no ano de 2023 o número de alunos cadastros no ensino médio no Brasil é de 8.357.675. Diante disso, foi feita uma amostra probabilística estratificada nos municípios, onde o tamanho amostral inicialmente desejável era de 100 alunos no mínimo, sendo metade de instituição pública e metade de instituição privada que equivale a aproximadamente 0,012%, os parâmetros utilizados serão nível de confiança de 95%, erro amostral de 5%.

A escola particular sorteada foi a Escola Machado de Assis - Sistema Positivo e a escola pública sorteada foi a Escola Estadual Professor Antônio Carlos. A partir dos dados coletados, foi feita uma comparação entre as escolas. O estudo foi realizado, por meio de um documento de questionário impresso, elaborado pelos próprios pesquisadores no período de abril a maio de 2024.

Os participantes foram alunos do ensino médio, do primeiro ao terceiro pertencente às instituições mencionadas anteriormente. Não foi possível delimitar uma idade devido ao grau de variação. A partir disso, a abordagem aos estudantes aconteceu, mediante a autorização da direção e da secretaria das respectivas escolas, para anunciar a existência da pesquisa e do questionário. Um dos critérios de inclusão da pesquisa foi que os questionários poderiam ser preenchidos somente mediante a assinatura dos pais do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visto que majoritariamente os participantes do estudo eram menores de idade, os alunos assinaram um termo de anuência.

A coleta dos dados foi realizada, por meio de um documento contendo um questionário semiestruturado elaborado pelos próprios pesquisadores aplicado após a anuência da coordenação, pela diretoria de ambas as escolas e pela secretaria de educação, foi repassada a informação aos professores, que entenderam acerca da necessidade e do objetivo do estudo.

Os questionários contam com quatro perguntas fechadas, e foram aplicados pelos próprios pesquisadores nas escolas selecionadas. As perguntas foram:

“Você sabe o que é um método contraceptivo?” Sendo as opções: sim ou não.

“Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos?”

Sendo as opções: escola, família, amigos, redes sociais, TV e outros. “Quando você soube o que é um método contraceptivo?”

Sendo as opções: há menos de 3 meses, há menos de 6 meses, há menos de 1 ano, há 2 anos, há 3 anos ou mais.

“Quais métodos contraceptivos você conhece?”

Durante o processo, os pesquisadores auxiliaram os participantes com possíveis dúvidas quanto à

participação, assegurando a uniformidade da aplicação do instrumento para evitar os vieses que poderiam interferir nos resultados da pesquisa.

O preenchimento dos formulários pelos participantes foi feito em uma sala de aula privada previamente reservada para ocasião, de modo individual e privativo, a fim de garantir o sigilo e a proteção do participante e duraram em média três minutos.

Para a análise de dados, utilizou-se a tabulação dos dados pelo Software Excel, para fins de organização e de apresentação visando análise da frequência relativa dos diferentes graus de conhecimento evidenciados na pesquisa. Ressalta-se que não havia perguntas a respeito do nome, idade e sexo, garantindo o anonimato.

Foram incluídos neste estudo aqueles que responderam todas as perguntas do questionário impresso, que estavam cursando do 1º ao 3º ano do ensino médio na Escola Machado de Assis - Sistema Positivo e na Escola Estadual Professor Antônio Marques, que assinaram o TCLE. Foram excluídos deste estudo os alunos que não estavam devidamente matriculados nos locais de estudo e aqueles que responderam de forma incompleta o questionário proposto. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP do Centro Universitário IMEPAC com parecer nº 6.678.232/2024.

3 RESULTADOS

Participaram do estudo 94 estudantes, sendo que 56 (59,6%) eram de escola particular e 38 (40,4%) de escola pública. Com relação ao ano escolar, 21 (36,2%) eram 1º ano do Ensino Médio, 18 (31,1%) do 2º ano do Ensino Médio e 19 (32,7%) do 3º ano do Ensino Médio nas escolas particulares, e 9 (23,7%) eram 1º ano do Ensino Médio, 8 (21%) do 2º ano do Ensino Médio e 21 (55,3%) do 3º ano do Ensino Médio nas escolas públicas (tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização da amostra segundo ano escolar, segundo alunos do ensino médio de escola particular e pública, Araguari, MG, 2024.

Escola Particular	n	%
1º ano do Ensino Médio	21	36,2
2º ano do Ensino Médio	18	31,1
3º ano do Ensino Médio	19	32,7
Total	58	100
Escola Pública	n	%
1º ano do Ensino Médio	9	23,7
2º ano do Ensino Médio	8	21,0
3º ano do Ensino Médio	21	55,3
Total	38	100

Fonte: Autores, 2024.

Ao perguntar a respeito do conhecimento sobre o método contraceptivo, nas escolas particulares todos os 58 (100%) participantes sabiam o que era, porém na escola pública 2 (5,3%) não tinham conhecimento sobre (Tabela 2). A respeito do tempo em que já sabiam sobre essas maneiras de prevenção, observa-se nas duas escolas que a maioria já conhecia há 3 anos ou mais, entretanto na escola particular pode observar que o

conhecimento há mais tempo foi unânime, enquanto na escola pública um (2,6%) aluno ficou conhecendo há menos de um ano, outro há menos de 6 meses e dois (5,3%) há menos de 3 meses.

Pertinente destacar que ao observarmos a percentagem das escolas, o conhecimento há 3 anos ou mais foi maior na escola pública com 76,3 % enquanto na escola particular foi de 75,9%.

Tabela 2 – Conhecimento ou não a respeito do método contraceptivo pelos alunos, segundo alunos do ensino médio de escola particular e pública, Araguari, MG, 2024.

Você sabe o que é um método contraceptivo?

Escola Particular	n	%
Sim	58	100
Não	0	0
Escola Pública	n	%
Sim	36	94,7
Não	2	5,3

Fonte: Autores, 2024.

Tabela 3 – Tempo de conhecimento a respeito do método contraceptivo pelos alunos, segundo alunos do ensino médio de escola particular e pública, Araguari, MG, 2024.

Quando você soube o que era método contraceptivo?		
Escola Particular	n	%
Há menos de 3 meses	0	0
Há menos de 6 meses	0	0
Há menos de 1 ano	0	0
Há 1 ano	5	8,6
Há 2 anos	9	15,5
Há 3 anos ou mais	44	75,9
Escola Pública	n	%
Há menos de 3 meses	2	5,3
Há menos de 6 meses	1	2,6
Há menos de 1 ano	1	2,6
Há 1 ano	2	5,3
Há 2 anos	3	7,9
Há 3 anos ou mais	29	76,3

Fonte: Autores, 2024.

Destaca-se que ao comparar o tempo de conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, nas escolas particulares é predominante os alunos que já sabiam há um ano, entretanto nas escolas públicas obteve-se alunos que esse entendimento era recente.

Na tabela 4 pode-se observar os resultados da pergunta a respeito de como ou com quem aprenderam a respeito dos métodos contraceptivos. Com relação às escolas particulares a maioria aprendeu com a família 35 (60,4%) seguido da escola 13 (22,5%), já nas escolas públicas a maioria também foi com a família 20 (52,6%) porém seguido das redes sociais 5 (13,2%).

Tabela 4 – Como adquiriram o conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos pelos alunos, segundo alunos do ensino médio de escola particular e pública, Araguari, MG, 2024.

Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos?		
Escola Particular	n	%
Família	35	60,4
Amigos	1	1,7
Escola	13	22,5
Redes Sociais	7	12,0
TV	1	1,7
Outros	1	1,7
Escola Pública	n	%
Família	20	52,6
Amigos	4	10,6
Escola	4	10,6
Redes Sociais	5	13,2
TV	2	5,2
Outros	1	2,6
Não responderam	2	5,2

Fonte: Autores, 2024.

Neste questionamento salienta-se que nas escolas públicas as respostas foram mais diluídas entre os estudantes, mostrando que os conhecimentos foram adquiridos também em grande quantidade por amigos 4 (10,6%) e escola 4 (10,6%). Nas escolas particulares, diferentemente, concentraram-se os resultados em apenas família e escola, destaca-se também o conhecimento por redes sociais (12%).

Ao serem questionados a respeito de quais métodos contraceptivos que eles conheciam, obteve-se uma ampla quantidade de métodos em ambas as escolas, porém nas escolas particulares o conhecimento foi de 13 tipos de métodos diferentes, com 302 respostas, enquanto nas públicas foram 9 exemplos, 111 respostas.

Na escola particular os métodos com maiores incidências foram Camisinha masculina, 53 (17,5%), DIU, 46 (15,2%), e Anticoncepcional Via oral, 41 (13,6%). Na escola pública, a Camisinha masculina também foi a que mais apareceu nas respostas, 30 (27,1%), porém o Anticoncepcional Via oral, 25 (22,5%), veio antes do DIU, 19 (17,1%). Todavia, ao observar as porcentagens e comparar as respostas, infere-se que o conhecimento das escolas públicas é maior que nas escolas particulares (Tabela 5).

Pode-se constatar que nas escolas particulares apareceram tipos de métodos que não apareceram nas respostas das públicas, como Vasectomia, 20 (6,6%), Laqueadura, 16 (5,3%), Tabela, 13 (4,3%), Diafragma, 7 (2,3%), e Histerectomia, 2 (0,7%). Outro fato que foi observado que houve um maior conhecimento sobre o método implanon, tanto nas escolas particulares, 29 (9,6%) tanto nas públicas 5 (4,5%), do que a camisinha feminina, observados na tabela 5.

Tabela 5 – Tipos de métodos contraceptivos conhecidos pelos alunos, segundo alunos do ensino médio de escola particular e pública, Araguari, MG, 2024.

Quais métodos contraceptivos você conhece?			
Escola Particular		n	%
Camisinha masculina		53	17,5
DIU		46	15,2
Anticoncepcional Via oral		41	13,6
Pílula do dia seguinte		29	9,6
Implanon		29	9,6
Camisinha feminina		23	7,6
Vasectomia		20	6,6
Anticoncepcional injetável		19	6,3
Laqueadura		16	5,3
Tabelinha		13	4,3
Diafragma		7	2,3
Anticoncepcional adesivo		4	1,3
Histerectomia		2	0,7
Total		302	100
Escola Pública		n	%
Camisinha masculina		30	27,1
Anticoncepcional Via oral		25	22,5
DIU		19	17,1
Pílula do dia seguinte		18	16,2
Anticoncepcional injetável		7	6,3
Implanon		5	4,5
Camisinha feminina		4	3,6
Anticoncepcional adesivo		2	1,8
Diafragma		1	0,9
Total		111	100

Fonte: Autores, 2024.

4 DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou que o conhecimento acerca dos métodos contraceptivos, em comparação com a escola pública e com a escola privada, ocorreu uma diferença significativa entre os estudantes. A prevalência sobre o conhecimento do que é um método contraceptivo é alta nas duas escolas, mas na escola particular percebe-se que nenhum aluno não adquiriu o conhecimento, enquanto 5,6% da escola pública não tem. Acerca do tempo que os estudantes tiveram acesso aos métodos é notório que na escola particular os alunos tiveram acesso mais cedo sobre as contracepções, em relação à escola pública. A análise dos dados coletados neste estudo também ressaltam que majoritariamente os estudantes têm mais acesso ao assunto pela família, porém em segundo lugar predominou-se que os alunos de escola particular assinalaram ter adquirido o conhecimento na escola, enquanto os alunos de escola pública assinalaram que a sua fonte principal foram as redes sociais. A análise dos dados revelou que os alunos que frequentam a escola particular souberam de mais opções de métodos disponíveis para evitar uma gestação, quando comparados aos adolescentes de escola pública.

Esses achados corroboram com a literatura existente, que evidencia a lacuna de aprendizado da rede pública brasileira, discutindo falhas nas políticas públicas de educação no Brasil, atestada pelas estatísticas de casos de gravidez na adolescência e pelo crescimento de casos de ISTs na população mais jovem (Ramos *et al.*, 2023). A análise de dados coletados revelam a importância de abordar a educação sexual nas escolas brasileiras, como uma questão de saúde pública (Danzmann, 2022).

O ensino brasileiro apresenta sérios desafios em comparação com os países desenvolvidos, dada a qualidade do ensino afetada pela falta de investimentos e desigualdades, o que destaca o atraso do país para com o ensino moderno. Dessa maneira, a população como um todo é afetada, independente de renda econômica, o que é notado neste estudo, assim como no âmbito da saúde pública, onde a falta de conhecimento se faz escassa (Rodrigues, 2022). Em contraponto, países desenvolvidos, como a Finlândia, que adotam a exploração da saúde sexual como parte do currículo escolar desde os anos iniciais, as taxas de gravidez na adolescência são uma das mais baixas do mundo, com cerca de 5% das adolescentes grávidas (Silva, 2019, p. 18). Em contraste, no Brasil, onde a educação sexual ainda é um tabu entre o corpo social, as taxas de gravidez na adolescência permanecem alarmantes e evidenciam de forma drástica a lacuna de conhecimento dos adolescentes (Furlani, 2022).

A análise dos dados coletados neste estudo mostraram que, de uma forma geral, os alunos têm a principal fonte de conhecimento sobre métodos contraceptivos, em ambas é a família, sendo 52,6% representado pela família na escola pública, seguidos pelas redes sociais (13,2%), amigos (10,6%) e a escola (10,6%). E na 60,4% na escola particular, pela família, seguido por escola (22,5%) e redes sociais (12%). Todavia, existe uma dualidade nessa informação, uma vez que, dado o histórico religioso e conservador do país, os questionamentos acerca da relutância e constrangimento dos pais devem ser levados em conta na interpretação dos dados, além de sua relação com seu contexto socioeconômico-cultural. Essa análise é consistente com Danzmann (2022), que percebe que a família pode interferir na informação levada ao indivíduo, de forma a vilanizar certas práticas ou negligenciar conhecimentos necessários na compreensão da sexualidade humana.

A partir disso, entende-se que a escola é o local mais adequado para o desenvolvimento da educação sexual, prezando por informações adequadas e de qualidade. A falta de investimentos adequados no sistema público de ensino e a gestão ineficiente dos recursos disponíveis são fatores que agravam a situação e impactam negativamente o ensino público brasileiro (Melo; Martins, 2022, p. 6).

As demais fontes de conhecimento que foram sinalizadas, sendo amigos e redes sociais, são ferramentas importantes que podem ser utilizadas como potencializadoras de conhecimento, além de livros e canais educativos. Porém, também são consideradas fontes que podem levar a um conhecimento errôneo, com orientação inadequada. O trabalho de Sampaio e Guimarães (2009) evidencia o uso irresponsável das informações por tais fontes alternativas de conhecimento, e considera imaturidade com relação à responsabilidade psicossocial do jovem.

A análise dos dados revelou que há diferenças no tempo desse conhecimento entre os dois grupos. Na escola particular, 75,9% dos alunos conhecem os métodos há 3 anos ou mais. Já na escola pública, apesar de 76,3% também conhecerem há 3 anos ou mais, uma parcela de 5,3% aprendeu sobre o assunto há menos de 3 meses. De acordo ainda com Sampaio e Guimarães (2009), as escolas públicas apresentam menor efetividade no ensino quanto à educação sexual devido à abordagem da sexualidade humana já em uma faixa etária tardia, ou seja, entre 12 e 14 anos, diferente de grande parte das demais escolas de setores privados, cujo conhecimento inicia a partir da terceira infância. Essa introdução atrasada resulta em uma lacuna educacional, o que corrobora na necessidade do próprio aluno suprir a falta de conhecimento através das redes sociais, dado ser o meio de aprendizado mais próximo, levando-se em conta a praticidade do acesso às informações. Logo, obtém-se o entendimento de que a discrepância da eficiência do ensino público em relação ao ensino privado intensifica as desigualdades entre ambos os grupos e justifica o alto nível de conhecimento pela internet (Freitas, 2022).

Quanto ao tipo de método conhecido, a análise identifica que existe o predomínio do conhecimento da camisinha masculina, do DIU e da pílula anticoncepcional hormonal em ambas as escolas. Em relação à escola particular, 17,5% dos alunos afirmaram conhecer a camisinha masculina, 15,2% o dispositivo intrauterino e 13,6% o anticoncepcional via oral. Já na escola pública, 27,1% afirmaram conhecer a camisinha masculina, 22,5% o anticoncepcional via oral e 17,1% o dispositivo intrauterino.

De acordo com Piantavinha (2022), a alta taxa de conhecimento quanto aos métodos de barreira e métodos hormonais ocorre devido à maior acessibilidade e menor custo dos mesmos, principalmente em relação ao preservativo masculino, já que permite uma maior autonomia do usuário. Outro fator que agrega na compreensão de tais métodos é a baixa complexidade do uso, além de que preferências pessoais e culturais influenciam na informação, dado o contexto cultural do país. Esses fatores contribuem para a popularidade dos métodos de barreira e hormonais em relação a outros métodos contraceptivos, como métodos naturais, métodos de longa duração não hormonais e esterilização permanente (Silva *et al.*, 2023).

No Brasil, em especial no ensino público, o conhecimento acerca de métodos contraceptivos na adolescência ainda é muito limitado, em vista das vulnerabilidades já relatadas. Por isso, é necessário esclarecer a existência dos diversos métodos contraceptivos e a forma correta de seu uso, já que o início da atividade sexual, na maioria das vezes, ocorre nesta etapa da vida (Vieira *et al.*, 2020, p. 2).

Futuros estudos podem explorar mais o nível desse conhecimento que foi observado através deste presente estudo, ou seja, uma análise se existe, além da falta de universalização do conhecimento, ainda existe uma falha nas informações que são transmitidas a estes jovens, já que isso pode estar relacionado ao acesso a informações de qualidade (Da Silva, 2023, p. 52).

5 CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu concluir que a adolescência é uma etapa da vida que demanda atenção quando se trata de educação sexual. Logo, faz-se necessário romper as barreiras que limitam ou impedem o conhecimento dos métodos contraceptivos, através dos esforços políticos, assistenciais e educacionais, na sociedade como um todo, nos serviços de saúde, nas escolas e no âmbito familiar, para que essa temática seja discutida de maneira desconstruída permitindo que a início da vida sexual não seja mais um processo repleto de silêncios e reprovação moral, mas sim seguro e saudável com autonomia para tomar decisões, além de contribuir para a redução de riscos de problemas de saúde pública como gravidez na adolescência e ISTs e suas complicações.

É indispensável a educação sexual de qualidade no currículo brasileiro de ensino, principalmente nas escolas públicas, onde foi notório o menor grau de conhecimento sobre os métodos contraceptivos. A partir disso, é necessário garantir que todos os alunos, independente de condições socioeconômicas, ou seja, de escolas públicas ou privadas, tenham conhecimento abrangente sobre a temática sob supervisão de profissionais capacitados para que de forma clara, objetiva, respeitosa, didática, inclusiva, sem desigualdades ou distinções, seja feita a promoção em saúde e prevenção de riscos, visto que até nos dias atuais, a educação sexual se trata de um tabu na sociedade.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. (661-670), 2009. Acesso em: 05/03/2023.

BARBOSA, F. *et al.* Letramento em saúde de adolescentes sobre métodos contraceptivos. **Cogitare Enfermagem**, Pará, v. 25, n. 7, p. (3-13), Agosto, 2020. Acesso em: 02/03/2023.

BARBOSA, L. U; VIÇOSA, C. S. C. L; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. (520-772), 2019. Acesso em: 05/11/2023.

BESSA, T. *et al.* - Birthweight predictive factors of the children of adolescent mothers - Fatores preditivos do peso ao nascer dos filhos de gestantes adolescentes. **Mundo da Saúde**, v. 43, n. 1, p. (193-210), Janeiro, 2019. Acesso em: 05/03/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico - HIV e Aids 2015. **Brasília: Ministério da Saúde**, 2015. Acesso em: 26/05/2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico - Sífilis 2023. **Brasília: Ministério da Saúde**, 2023. Acesso em: 26/05/2024.

CARVALHO, G. M.; JESUS, M. C. P.; MERIGHI, M. A. B. Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente durante a adolescência. **Mundo Saúde**, v. 32, n.4, p (437-442), Outubro, 2008. Acesso em: 17/05/2023.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Associação Médica Brasileira**. São Paulo, Brasília: AMB/CFM; 2019. Acesso em: 02/03/2023.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Código de Ética Médica**. Res (1931/2009). Acesso em: 17/05/2023.

DANZMANN, P. S. *et al.* Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, p. (3970-3981), 2022. Acesso em: 06/03/2023.

FREITAS, C. *et al.* Atenção primária à saúde no Brasil: adolescência, desinformação e infecções sexualmente transmissíveis. **HU Revista**, Mato Grosso, v. 48, n. 15, p. (1-6), Agosto, 2022. Acesso em: 06/03/2023.

FURLANI, J. Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. **Editora Autêntica**. cap. 5, 2017, Santa Catarina. Acesso em: 05/03/2023,

JACCARD, J.; LEVITZ, N. Counseling adolescents about contraception: towards the development of an evidence-based protocol for contraceptive counselors. **Journal of Adolescent Health**, Washington D. C, v. 52, n. 4, p. (6-13), Agosto, 2013. Acesso em: 05/03/2023.

JORGE, S. A. *et al.* Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, 2017. Acesso em: 05/06/2024.

LIMA, A, R, M. **Ensino médio brasileiro: dualidade, diferenciação e desigualdade social**. Pará, v. 26, n. 4, (107-122), 2019. Acesso em: 06/03/2023.

MADUREIRA, L.; MARQUES, I. R.; JARDIM, D. P. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. (100-105), 2010. Acesso em: 07/07/2023.

MELO, I.; MARTINS, S, W. Gravidez na adolescência: vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre jovens. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. (1- 8), Paraná, 2022. Acesso em: 17/05/2023.

MOLINA, Mariane Cristina Carlucci et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. **O mundo da saúde**, v. 39, n. 1, p. 22-31, 2015. Acesso em: 17/06/1014

MORAIS, J. V. A; SOUZA, L. S. D. V; SOUZA, M. G. Desinformação sobre os métodos contraceptivos e o seu impacto na gravidez de adolescentes. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 5, p. e17112541710, 2023. Acesso em: 23/04/2023.

OLIVEIRA, B. N. A importância da educação sexual nas escolas públicas brasileiras. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da UNISOCIESC**. v. 10, n. 2, 2023. Acesso em: 05/06/2024.

OTT, M. *et al.* Contraception for adolescents. **Pediatrics**, Illinois, v. 134, n. 4, p. (1257-1281), Outubro, 2014. Acesso em: 05/03/2023.

PATEL, P. R. *et al.* Factors Important to Teens when Choosing Contraception: Possible Reasons for Low LARC Use Among Teen. **Women's Health Research**, Texas, v. 3, n. 2, p.(71-76), Agosto, 2021. Acesso em: 05/05/2023.

PIANTAVINHA, Bruna Brandão; MACHADO, Sacramento Cunha Márcia. Conhecimento sobre métodos contraceptivos de adolescentes atendidas em Ambulatório de Ginecologia. **Femina**, p. 171-177, 2022. Acesso em: 05/06/2024.

RAMOS, M. D. S. *et al.* Infecção sexualmente transmissível: percepção, orientação e intervenção para alunos do ensino médio. **Cadernos da FUCAMP**, v. 22, n. 56, 2023. Acesso em: 04/06/2024.

RODRIGUES, Antônio. Educação em sexualidade na Europa e as sexualidades interseccionais do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 1, p. 74630, 2022. Acesso em: 05/05/2023.

ROWLEY, J.; VANDER HOORN, S.; KORENROMP, E.; LOW, N.; UNEMO, M.; ABU-RADDAD, L. J.; CHICO, R. M.; SMOLAK, A.; NEWMAN, L.; GOTTLIEB, S.; THWIN, S. S.; BROUTET, N.; TAYLOR, M. M. Chlamydia, gonorrhoea, trichomoniasis and syphilis: global prevalence and incidence estimates, 2016. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 97, n. 8, p. 548-562P, 2019. DOI: 10.2471/BLT.18.228486. Acesso em: 26/05/2024.

SAMPAIO, B; GUIMARÃES, J. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. **Economia Aplicada**, v. 13, p. (45-68), 2009. Acesso em: 04/06/2023.

SILVA, A. L. C. A educação em sexualidade no Brasil e na Finlândia, um estudo comparativo. **Instituto de Biociências UNESP**. Rio Claro, 2019. Acesso em: 05/06/2024.

SILVA. L. P. *et al.* Entendimento dos alunos do Ensino Médio em uma escola pública do Recife sobre sexualidade e HPV. **Peer Review**, v. 5, n. 18, p. (36-56), 2023. Acesso em: 05/06/2024.

SILVA, S. *et al.* A síndrome de burnout em profissionais da Rede de Atenção Primária à Saúde de Aracaju, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. (3011-3020), 2015. Acesso em: 02/03/2023.

VIEIRA, A. *et al.* O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: Conhecimento de estudantes do ensino médio. **Global Academic Nursing Journal**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.(1-8), 2020. Acesso em: 02/05/2023.

VIEIRA, Ellayne Lima et al. Uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA. **Revista Científica ITPAC**, v. 9, n. 2, p. 88-106, 2016. Acesso em: 05/06/2024.

VIEIRA, L. *et al.* Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 6, p. (135-140), 2006. Acesso em: 18/03/2023.